

FARNESE DE ANDRADE: UMA LEITURA A PARTIR DA EXPOSIÇÃO ARQUEOLOGIA EXISTENCIAL

Carolina Ramos Nunes/Fundação Cultural BADESC¹
Marisete Colbeich/ FATENP- UNIGRANRIO²

RESUMO

Este artigo trata de uma leitura da obra *O pensamento* a partir da exposição Arqueologia existencial de Farnese de Andrade na Caixa Cultural de São Paulo. Tanto a construção narrativa/discurso para fins de contextualização perante a exposição quanto à poética do artista são decorrentes de um estudo atento aos elementos visuais e suas imbricações plásticas na obra escolhida. Tanto exposição como curadoria quanto obra como composição visual conversa de forma que seus desdobramentos sobre pedem ao expectador um olhar atento, impassível de ficar indiferente, ao compor sua perspectiva das obras dentro de tal contexto expositivo.

PALAVRAS-CHAVE: Farnese de Andrade; pensamento; exposição.

A leitura proposta neste texto pressupõe desdobrar tanto a exposição quanto uma obra presente nela, o Pensamento, a partir de planos de expressão e conteúdo, estruturados como área da semiótica propondo a construção de uma narrativa/discurso para uma então formulação de reflexão entre análise dos mesmos. A exposição com catálogo do qual foi retirada imagem para leitura neste artigo, nomeia-se Arqueologia Existencial, constando inúmeras obras de diferentes procedências do artista Farnese de Andrade.

Arqueologia Existencial é uma exposição de caráter itinerante. Com curadoria de Marcus de Lontra Costa, apresenta um conjunto de obras pertencentes a coleções dos herdeiros do artista e de colecionadores particulares com o objetivo de mapear a produção de Farnese de Andrade de 1970 a 1990.

¹Licenciada em Artes Visuais pela UDESC/CEART no ano de 2013, Pós Graduada em Mídias na Educação pela UAB/IFSC no ano de 2015 e é Arte Educadora da Fundação Cultural BADESC.

²Bacharel e Licenciada em Artes Visuais UFSM-2003, Pós Graduada em Gestão Educacional UFSM-2005 e Mídias na Educação FURG-2012. Professora do Curso de Design de Interiores Fatenp/Unigranrio..

ANÁLISE DA OBRA *O PENSAMENTO*



Figura 1 - *O Pensamento*, 1976/80, Assemblage, 104 x 51 x 37 cm
Coleção Fernanda Feitosa e Heitor Martins, São Paulo

A reflexão sobre a obra de Farnese de Andrade, parte da proposta de Pareyson, onde a obra de arte é infinita. Portanto a obra pode ter inúmeras interpretações diante da temática, poética, e afins, não excluindo nenhuma destas possibilidades propostas.

A obra intitulada *O Pensamento*, estava presente na exposição Farnese de Andrade: arqueologia existencial na Caixa Cultural em São Paulo. A foto acima que será utilizada para reflexão acerca da leitura de imagem consta no Catálogo da exposição Farnese de Andrade - Arqueologia Existencial, realizada na Caixa Cultural Brasília, de 26 de novembro de 2014 a 11 de janeiro de 2015.

A obra consiste em um Assemblage: uma caixa de madeira com portas a abrir para fora com fundo branco sobreposto com uma pequena placa de madeira amarela e vermelha, um pequeno cálice cheio de pequenas pedras brancas e vermelhas, uma cabeça de boneca sem cabelo e uma bola de vidro.

A caixa de madeira consiste em um invólucro, com portas adornadas tais quais, sem a presença de uma maçaneta, o detalhamento de base repete-se no topo consistindo em réguas de madeira adornadas em diagonal. Sobre o topo há um prolongamento com linhas curvas simétricas, ainda neste prolongamento em baixo relevo, há sulcos simétricos também em linhas curvas pronunciadas para cima. O elemento plástico madeira permite estabelecer uma conexão entre homem natureza tal como artista e obra conforme dialoga Boppré em sua

dissertação de mestrado:

Um elemento de sua obra, contudo, parece constituir um elo: é a madeira, sobretudo, a antiga (o cedro, a imbuia, enfim, a base material da civilização humana) que apresenta uma natureza há muito transformada pelo homem, muitas vezes de maneira artesanal, e que Farnese parece manter um respeito próximo ao sagrado. É sobre a madeira – como num palco de teatro – que o artista desenvolve seus dramas. (Boppré, 2009, p.125)

A relação da caixa com uma profundidade maior que sua proporção lateral faz possível reflexão e comparação com antigas molduras de telas, devido detalhamento em diagonal e textura bruta na parte tanto exterior quanto interior, conforme visualizável nos esquemas abaixo:



Figura 2 - Esquemas visuais baseados em linhas e formas geométricas predominantes na obra o Pensamento, 2015. Autoria de Carolina Ramos Nunes

As portas de abertura para fora fazem um convite ao olhar adentrar ao espaço expositivo, assim como uma entrada à sala expositiva, contudo a ausência de uma maçaneta provoca a instância do convite que vem de aquele que já habita o espaço anterior. Neste sentido o olhar invade a obra, na medida em que a desvela como um olhar pela fechadura, repensando o limite da janela, do alcance do olhar e da separação neste sentido de homem mundo perante artista e sua obra, conforme abaixo:

Aquilo que Jacques Aumont chamou por “quadro-objeto”, esse limite físico da pintura que a separa das demais coisas do mundo, torna-se algo extremamente sofisticado, em Farnese. Afinal, em sua obra, o indicio material que a separa das demais coisas do mundo é a própria obra como um todo... O “quadro objeto”, em verdade, coincide com o dito “quadro-limite”. Essa consonância é possível haja vista a proposição por parte de Farnese daquilo que Aumont denominou por “quadro-janela”, utilizando-se, para tanto, dos objetos. Ele os招ocava, os retirava de toda a parte, para agregá-los no interior de um outro espaço e tempo subjetivos, o de sua obra, tornando-os completamente deslocados. (Boppré, 2009, p 121.)

Os baixos relevos presentes na parte superior da caixa assemelham-se ao mesmo tempo a duas faces de uma concha como também asas angelicais. Ambas as representações plausíveis de interpretação conversam com a obra como um todo: a concha consiste no fechar e enclausurar o ser que habita a obra de dentro, e que possui controle sobre sua exposição e visibilidade. Já as asas tramam o sagrado e profano, ao relacionar a caixa como oratório onde são dispostos santos. Contudo, nesta obra o oratório é utilizado de forma profana, para suportar outros objetos que não sacros ao senso comum, mas sim ao artista.

A madeira nestas obras traz a marca de um movimento preciso, de uma memória gestual, que ficou gravada em tais objetos de forma permanente. Os objetos peculiarmente selecionados a compor a obra em seu interior, lembram a noção do relicário, do santuário, onde cada elemento exposto faz ligação com a face ao centro.

Já dentro da caixa/oratório, duas das três laterais mantém a coloração natural da madeira, sendo que o fundo é coberto por uma grossa camada de tinta branca, onde sobre ele encontra-se uma outra placa de madeira pintada em sua quase totalidade amarela com a borda inferior direita em vermelho com um pequeno espaço de transição cromática laranja com uma linha diagonal decrescente da direita para esquerda em preto.

Esta placa sobre o fundo branco dá uma profundidade extra ao espaço interno do oratório ao possuir pequena moldura em preto que se confunde com uma sombra inexistente dentro do espaço.

As cores presentes na mesma são quentes bem como o restante da tonalidade composta na obra em contraste com o branco do fundo e preto para demarcação de detalhes.

Devido ao triângulo vermelho, delimitado tanto pela tinta e cor quanto pela linha diagonal preta, conduz o olhar ao canto direito de toda a obra em si, que vem de encontro com o olhar da cabeça de boneca em frente.

Centralizado dentro da caixa, há um pequeno cálice de vidro com pés adornados com detalhes angulosos bem como o formato superior da borda do mesmo. Preenchendo o cálice há pequenas pedras alternadas em brancas e vermelhas ordenadas em linhas horizontais, sendo que maior parte da composição desta é branca. Esta massa cromática contrasta sua horizontalidade com o tamanho mais verticalizado do copo, ainda considerando a parte que suporta sua base e a mesma.

Logo acima do cálice, apoiado sobre a borda e a ocupando por completo encontra-se uma cabeça de boneca, sem cabelos e com bochechas rosadas. Sua pele aproxima-se do branco estando um tom acima e o contraste do rosa quase vermelho na altura das bochechas chama a atenção para o centro de toda composição. Seus olhos parecem pequenos e quase apagados.

Equilibrado logo acima desta cabeça encontra-se uma bola de vidro, transparente, apoiada na iminência de equilíbrio, localizada ao centro da altura do oratório pela parte interna.

Devido sua posição estar exatamente em frente à composição amarela, sua transparência passa a ser visualizada como também amarela, porém invertendo a imagem, assim parte da linha preta desloca-se para cima.

Há em outras obras de Farnese a presença de bolas de vidro semelhantes, conforme imagem abaixo, com título aludindo ao pensamento, 3 Pensamentos, com três bolas de vidro suspensas, o que leva à reflexão que o título da obra analisada possui ligação direta com tal elemento.



Figura 3 - 3 Pensamentos, 1973-1981, Assemblage, 75 x 50,5 x 39 cm.
Coleção Stutzer, São Paulo

Atentando especialmente para os objetos dentro do oratório, sendo cálice, cabeça de boneca e bola de vidro, como composição percebe-se a linearidade vertical que ocupa metade da abertura da obra no todo, onde o olhar atenta-se para o equilíbrio máximo entre ambos os objetos circulares: bola e cabeça, de forma instável, mas ao mesmo tempo concreta e fixa.

O cálice pode ser interpretado como a essência do corpo daquela cabeça em especial, onde é receptáculo de todos os seus pensamentos, análogos a bola de vidro, que aos poucos definharam e tomam forma de pequenos grãos de areia ou vermelhos ou brancos fazendo parte das vísceras deste ser. Por ser de vidro, permite a reflexão sobre a fragilidade do corpo e da transparência do pensamento.

A cabeça neste entremeio vem como objeto opaco, não passível de ser observado de outro ângulo a não ser aquele determinado pelo artista, a frontalidade. Com maquiagem marcada, como em bonecas/os, mas sem a presença de cabelos que delimitariam até certo ponto o gênero da mesma/o. Há um deslocamento do pensamento sobre as partes desta boneca, de indagações sobre o restante de seu corpo anterior e qual elo a faz pertencer a este novo híbrido corpóreo. O tempo ficou ali parado, eternizado em almas, gestos e objetos representado por este elemento cabeça, e a memória se faz presente, ao olhar e ao olho como órgão de sentido e de sentimento, que por serem nossas janelas da alma, reavivam coisas que só nela fazem sentido. Tais elementos são constantes nas obras desse período, objetos

memória, objetos dejetos da sociedade e do tempo.

Muitos de seus trabalhos, por exemplo, trazem restos de bonecas de plástico congeladas em blocos de resina ou de poliéster. Essas "crianças", mutiladas" e "mortas", parecem representações das próprias castrações de Farnese – falecimentos simbolicamente intra uterinos. São passados e futuros não vividos, sentimentos negados, paixões destroçadas e vontades enclausuradas dentro de si próprio pelo artista. São vestígios e fantasmas de existências não concretizadas, memórias falsas, que sobrevivem apenas como visões ficcionais, muitas vezes grotescas, opressoras e dolorosas, mas igualmente sedutoras, já que seus materiais jogam com uma diversidade de substâncias, texturas e sensações, como nas melhores obras barrocas. (Costa, 2014, p.12)

O tempo sempre se fez presente em todas as vidas, seja por falta ou por necessidade do mesmo. A vida e a morte passam a ser apenas uma questão de tempo, tempo para nascer, tempo de espera para morrer. Uma eterna inquietação move cada indivíduo a prolongar seu tempo, extraíndo dele cada grão de areia que subtrai a essência de nossa ampulheta pessoal. Farnese parece nos apresentar nessa e em outras obras da mostra Arqueologia Experimental tal “angustia pelo tempo”

Nesse contexto de angústia pelo tempo e por consequência uma memória que passa a ser atemporal e muitas vezes consumida por outra que obscurece toda uma trajetória voltada ao pensamento em suspenso, conforme apresentada esta obra de Farnese de Andrade. Conheço pouca coisa mais triste que os trabalhos de Farnese de Andrade. Essas cabeças de boneca arrancadas do corpo lembram maldades de infância. As madeiras gastas de seus trabalhos guardam um tempo esponjoso, que se acumula sobre os ombros e nos paralisa os movimentos. (Naves, 2002, p.21)

Tanto a exposição quanto a análise em específico da obra O Pensamento de Farnese de Andrade, são ilustrativas para compreender o denso aporte poético do artista. A partir de uma curadoria que atentou para os conflitos internos expostos e ressignificados plasticamente nas obras, é possível dialogar a experiência de visitação e circulação no espaço expositivo com adentrar na visualidade do oratório da obra escolhida para desdobramento.

Ambos os atos de circular, seja na exposição quanto derivar o olhar sobre os elementos visuais na obra em questão, tramam o eu com o outro do artista, pensando o sagrado e o profano dentro de cada um, permeando um amplo arsenal crítico que toca cada visitante de forma única.

A partir do ano de 1964, Farnese de Andrade transforma sua poética refletindo, talvez as mudanças artísticas mundiais da época. Esse mesmo ano é marcado pelo início da Ditadura Militar no Brasil, fato que causou além de grande inconformismo e revolta nos artistas que passaram a sofrer censuras severas, muita experimentação artística e busca pela liberalidade criativa junto ao forte ideal de ruptura e transgressão.

É nesse cenário cultural conturbado que o artista passa a trazer novos elementos para suas obras tais como, fotografias antigas, inclusive de sua própria família. Materiais descartáveis naturais e industriais recolhidos por ele, como brinquedos destruídos, imagens de santos, cacos de vidro, conchas, mariscos e outros objetos marinhos. Também utilizava móveis adquiridos em

antiquários, depósitos, brechós ou mesmo coletados na rua. No final da década de 60 além dos materiais perecíveis adquiridos de fontes diversas, surgem os trabalhos em resina de poliéster.

Estar na presença da obra de Farnese de Andrade, para alguns pode ser como visitar o “monstro que mora em baixo da cama”. Os trabalhos, de caráter fortemente autoral mesmo que vistos individualmente são consistentes o suficiente para gerar conflitos ou se interligar a experiências e vivências de fundo emocional, pessoal ou de história de vida e aspectos da cultura e crenças ocidentais de todos nós.

Farnese de Andrade contribuiu de forma decisiva para a história da arte brasileira e agrava valores internacionais na construção das questões vanguardistas do século XX. Considerado um dos mais expressivos artistas de sua geração, a exposição propõe o resgate de sua memória através de uma mostra abrangente, de qualidade relevante e propriedades curatoriais únicas. (Agência Caixa de Notícias, 2015)

A exposição Arqueologia Existencial, em cartaz na Caixa Cultural São Paulo, conforme figura 4, de maio a julho de 2015, foi composta por 57 assemblages criadas com materiais diversos, entre eles oratórios, caixas, materiais religiosos, corpos e cabeças de bonecas, fragmentos representando partes do corpo humano, gesso, santos, fotografias, entre outros objetos de uso comum ou descartes da sociedade de consumo.

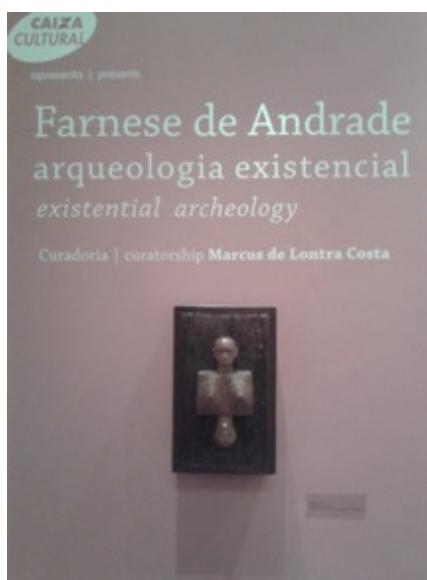


Figura 4 - Arquivo pessoal de Marisete Colbeich

Ao entrar no espaço expositivo da Caixa Cultural São Paulo, uma sala vermelha cuidadosamente preparada para receber as obras do artista, a atmosfera parece transformar-se e o expectador é levado a outros planos mais profundos da alma humana, perceptível na imagem 5. Ou, da alma do artista, cuja obra, de aspecto dramático e sentimental e, como já dissemos de caráter autoral, revela dogmas, medos, crenças, perdas, solidão, fetiches, libidos. A atmosfera se completa com música sacra em altura ambiente que envolve mais ainda expectador e obra.

A poética de Farnese de Andrade, pautada no inconsciente, contrasta com as de outras tendências do período, como as da arte construtiva e concreta. Construiu assim, uma obra na qual o lirismo oscila do concreto ao abstrato e o bruto consegue ser gentil. (Agência Caixa de Notícias, 2015)

As reações observadas entre os visitantes, mesmo em pouco tempo de permanência nesse local, revelam além da estranheza inicial, fruto de nossas heranças modernistas, feições diversas e contraditórias de um público ainda pouco preparado para tamanha materialidade de sentimentos e obscuridades humanas. Encarar as obras-dilemas de Farnese é encarar-se, encarar crenças, mitos, o feio e o profano para alguns, enquanto para outros pode soar como poético, lírico, lindo. As reações variaram entre espanto, medo, aceitação e comoção. Um artista capaz de desvendar e contar segredos da alma humana, principalmente aqueles segredos que seria melhor manter enclausurados num “eu” mais íntimo.



Figura 5 - Arquivo pessoal de Marisete Colbeich

Sua obra, por outro lado, também parece um grito de socorro contra a maldade, a violência, o descaso com nossas crianças. E, permanece contemporânea, na verdade chega a ser atemporal. Sendo artista referência para atualidade, Farnese de Andrade teve uma trajetória extremamente particular se considerarmos que a arte brasileira tem forte influência barroca.

A bibliografia do artista mostra o quanto difícil foi sua vida. Apesar de reconhecido, tinha problemas com a própria sexualidade, perdeu dois irmãos ainda criança e convivia com esses fantasmas. A vida e a morte aparecem e por vezes confundem-se na obra dramática e ao mesmo tempo sensível de Farnese de Andrade. Sua obra, segundo o curador Marcus de Lona Costa “é auto explicativa” é envolvente e exige do expectador algum tipo de reação, seja ela positiva ou não.

Na verdade, as assemblagens de Farnese de Andrade não te deixam à vontade ou indiferentes, os materiais empregados, como tecidos em poliéster, as cores e objetos que parecem envelhecidos pelo tempo e por vezes são. Rastros de existência deixados pelo homem,

pelo homem Farnese ou pelo homem anônimo que transita e coexiste. Suas obras, sempre serão capazes de suscitar novas perguntas a cada olhar, a cada parte, a cada detalhe rico em simbologia e significados. Parecem ser compostas, de alguma forma, mais do que de objetos que retirados do ambiente comum adquiram novos significados. Pois, orbitam em torno do possível e do impossível, do real e do imaginário, do científico e do religioso, do provável e do improvável. Enfim, do que existe de mais humano em nós.

REFERÊNCIAS

Agência Caixa de Notícias (São Paulo). Caixa Cultural SP faz um Resgate da Obra de Farnese de Andrade: **Mostra apresenta um conjunto de assemblages e objetos do artista mineiro, um dos ícones da arte brasileira.** 2015. Disponível em: <<http://www20.caixa.gov.br/Paginas/Releases/Noticia.aspx?releID=647>>. Acesso em: 21 de maio, 2015.

COSTA, Marcus de Lontra. **Catálogo da Exposição Farnese de Andrade:** Arqueologia Existencial. Brasília: Caixa Cultural / Adupla, 2014. 64 p.

NAVES, Rodrigo. **A Grande Tristeza in Farnese de Andrade.** São Paulo: Cosac & Naif, 2002.

NAVES, Rodrigo. **Farnese de Andrade.** São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

BOPPRÉ, Fernando Chíquio. **MEMÓRIA, COLEÇÃO E VISUALIDADE: ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO, FARNESE DE ANDRADE, HASSIS E ROSÂNGELA RENNÓ.** 2009. 150 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em História Cultural, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

